

Xamanismo como Religião?

Jan Duarte

As religiões tradicionais do Brasil, em especial as várias vertentes do cristianismo, parecem estar originando uma espécie de "vácuo espiritual", que tem levado cada vez mais pessoas a buscar religiosidades alternativas, supostamente mais espiritualizadas. Enquanto alguns se voltam para tradições orientais (ou que se dizem orientais), outros abraçam diversas seitas ou mesmo alguns modismos esotéricos, que proliferam justamente a partir dessa oferta de uma maior espiritualização ou de um contato mais estreito com a divindade. Obviamente, a crença é uma questão individual e de foro íntimo, mas o que se pode observar é que há uma grande tendência a colocar na categoria de religião todo e qualquer conjunto de crenças, tenha ele uma estrutura religiosa ou não, e isso ocorre tanto por parte dos que os divulgam quanto dos que os adotam.

Uma amostra bastante clara desse fenômeno de transformação em religião de uma prática que não possui tal estrutura é o que vem se dando com o xamanismo. É bem verdade que houve uma apropriação desse termo, e hoje, fora dos meios acadêmicos, ele passou a designar muito mais coisas do que o seu significado original. Uma profusão de práticas diversas, muitas vezes desvinculadas culturalmente, foi misturada e oferecida como sendo uma espécie de religiosidade indígena genérica, à qual as pessoas aderiram sem questionar exatamente o significado.

Em primeiro lugar, é preciso compreender que o termo xamanismo se aplica, especificamente, a determinados métodos de cura ritual. Foi nesse contexto que a palavra foi criada, para descrever as práticas dos curandeiros de determinadas tribos siberianas. Essas práticas incluem, resumidamente, o conhecimento de plantas medicinais ou alucinógenas, o êxtase, o emprego da sugestão e, para sermos claros, a fraude. Posteriormente, a palavra passou a ser empregada em todos os casos onde essas práticas se fizessem presentes, uma vez que elas são comuns em diversas culturas indígenas e deixaram reflexos mesmo no imaginário ocidental. O contexto religioso, sob a forma de uma filosofia ou de uma doutrina, não está desvinculado de todo dessas práticas, mas não necessariamente as permeia ou justifica. Ou seja: o xamã não é necessariamente um líder religioso na sua comunidade, como se quer hoje em dia divulgar.

A religiosidade indígena é, de uma forma geral, consideravelmente difusa. Não há uma estruturação religiosa fixa, na qual determinadas pessoas sejam os detentores do conhecimento religioso. As diversas crenças de um grupo são patrimônio de todos, geralmente transmitidas de pai para filho ao longo de cerimônias de iniciação ou ritos de passagem. Nesse contexto, o papel do xamã é muito mais o do médico do que o do sacerdote. Em alguns locais, ele pode ser tido como alguém que possui a capacidade de se comunicar com o mundo espiritual, e de curar devido a esta capacidade, mas nem mesmo isso é uma regra.

Tentarei exemplificar fazendo um paralelo com uma situação da qual certamente todos já ouviram falar: a do médium - kardecista ou de algum culto afro-brasileiro - que realiza uma "operação espiritual". Nesses casos, muitas vezes é mostrado para o paciente, pelo operador, objetos, às vezes ensanguentados, que teriam sido retirados dos seus corpos e que seriam a causa da doença. Esse é um exemplo típico de cura xamânica, que se infiltrou ou permaneceu em religiões ocidentais modernas¹. Fraude? Mistificação? Provavelmente!... Mas capaz de curar, em certos casos, pelo efeito placebo. De qualquer maneira, tanto nas sociedades indígenas quanto nas seitas espiritualistas ocidentais, o que é atribuído ao médium, nesse caso, é um determinado "poder" de interação com entidades espirituais que agem por seu intermédio e lhe propiciam a cura. Mas o médium não é necessariamente um sacerdote ou um profundo conhecedor da doutrina.

É necessário, também, levar em conta que diversos elementos e conceitos vinculados a esse xamanismo que é explorado em palestras e workshops, e que lhe dão um caráter mítico-religioso, são antes manifestações culturais que pouco ou nada têm a ver com o arsenal de técnicas usuais do xamã. Outras ainda têm origem duvidosa ou pouco crível, remetendo a obras que beiram a ficção (ou que são totalmente ficcionais), como as de Carlos Castañeda².

Conceitos como os de animais e plantas de poder, por exemplo, fazem parte do conceito maior de ancestralidade totêmica de inúmeras culturas. Ou seja: excluindo-se um conhecimento específico de plantas curativas ou alucinógenas, o restante reside, novamente, no cabedal cultural de toda a comunidade e não naquele exclusivo do xamã. O uso de tais conceitos, bem como de citações constantes a textos e falas de autores indígenas norte-americanos de fins do século XIX, transmitem a sensação de um caráter religioso. No entanto, nada mais são do que expressões de um estilo de vida específico dos indígenas, caracterizado pela profunda integração e interdependência com a terra e

os seres que nela residem. Além do mais, no caso dos textos citados, eles são mais pungentes justamente por refletirem a destruição desse estilo de vida.

Outra característica marcante desse xamanismo esotérico, quase-religioso, é a tendência à generalização de crenças e práticas. Mesmo que possamos admitir um novo significado para a palavra xamanismo, que seria "religiosidade indígena" ao invés de "práticas dos xamãs", ainda assim seria inadmissível aceitar que todos os indígenas agiam e pensavam de forma uniforme, acreditavam nas mesmas coisas, e que o padrão geral seguia a cultura de determinadas nações indígenas norte-americanas. No entanto, é essa a impressão que os encontros, palestras e workshops de xamanismo passam.

Deve-se ter em mente, sempre, que os próprios norte-americanos romantizaram a figura dos seus indígenas, numa reação tardia ao extermínio (real ou cultural) conscientemente promovido pelo governo dos Estados Unidos desde o séc. XVIII até inícios do séc. XX. Tal romantização fica patente na exaltação dos "nobres indígenas", feita com tanta veemência quanto a sua anterior execração, mas igualmente sem levar em conta as profundas diferenças culturais existentes entre as diversas etnias. Tanto a imagem do "nobre índio" quanto a do "índio vil", presente na literatura norte-americana, reduz os indígenas a uma massa informe e sem personalidade, na qual é impossível distinguir - ou pouco importa distinguir - os usos e costumes de um povo dos de outro.

Tal generalização, no entanto, é interessante na criação de um contexto de religião, dentro dos moldes ocidentais, que promova conversões e angarie seguidores. Seguindo os padrões do cristianismo, uma religião funcional no Ocidente deve ser "católica", ou seja: universal. Precisa se basear em práticas e conceitos que sejam válidos para todos, não havendo espaço para manifestações e interpretações individuais. Dessa maneira, transformar a figura do xamã na de um sacerdote, cujas palavras devem ser seguidas, e fazer tabula rasa das diferenças culturais, transformando todas as nações indígenas em "o índio", se acomoda bem a esse padrão.

Evidentemente, em qualquer atividade humana que envolva uma forte carga de emotividade - e o campo das crenças é privilegiado nesse aspecto - existe um amplo espaço para a má-fé e para uma boa-fé ingênua. Transformar xamanismo em religião ecológica e politicamente correta, que vai ao encontro dos anseios espirituais da sociedade urbana, certamente é um ótimo negócio para alguns. Outros, que apenas perpetuam e difundem falácias sem com isso lucrarem, estão de uma forma ou de outra contribuindo para a prosperidade dos primeiros. Os que gastam seus recursos, nem sempre extraordinários ou supérfluos, na busca de uma espiritualidade "ecológica", ou

mesmo "pagã", são as molas e engrenagens que colocam todo o processo em andamento, sem perceber que apenas estão satisfazendo sua necessidade de dogmas, e trocando os antigos pelos novos. Melhor fariam, e muito mais aprenderiam, se assistissem às várias palestras e conferências, a maioria delas gratuita, que acontecem nos meios acadêmicos sobre a cultura indígena.

Preconizar a indistinção, a excessiva similaridade, o pontificado de poucos sobre a cultura de todos, é privilegiar o processo de globalização. Uma espiritualidade "indígena" não é globalizada. Pelo contrário: ela é individual, criada a partir das peculiaridades de pequenos grupos e pertencente, de forma integral, a estes. Padronizar noções pagãs de existência é simplesmente uma tentativa de transformar paganismo em um novo catolicismo.

Notas:

¹ Vale dizer que diversos relatos indígenas, feito por xamãs a antropólogos, descrevem precisamente as técnicas para se manter um objeto na boca durante a "operação" e como ensanguentá-lo a partir de uma estratégica mordida na língua ou no interior da bochecha. Por motivos óbvios, não conheço relatos semelhantes a respeito das "operações espirituais" realizadas por curandeiros ou médiuns contemporâneos, na nossa própria cultura ocidental.

² Carlos Castañeda, antropólogo, obteve um Ph.D. junto à UCLA graças às suas supostas pesquisas de campo com um xamã mexicano por ele chamado de *Don Juan*. Toda a sua tese é altamente contestada no meio antropológico e, na verdade, ele nunca apresentou qualquer prova ao menos da existência do personagem central de suas pesquisas. No entanto, seus livros foram *best-sellers* e, juntamente com suas palestras, lhe renderam uma considerável fortuna.